

Claire Giangrave (RELIGION NEWS SERVICE)

Muitos católicos, mas também muitos teólogos, acham que há necessidade de certa abertura da Doutrina da Igreja, no que se refere aos anticoncepcionais. Parece que até seu predecessor, João Paulo I, pensava que uma proibição total precisaria ser revista. O que o senhor acha: estaria disponível a fazer uma reavaliação sobre isto ou há uma possibilidade de um casal levar em consideração os anticoncepcionais?

Esta é uma questão precisa. Mas, saiba que o dogma e a moral são sempre um caminho em desenvolvimento, em desenvolvimento no mesmo sentido. Para ser mais claro, repito o que já disse aqui outras vezes: para o desenvolvimento teológico de uma questão moral ou dogmática, há uma regra que é muito clara e iluminadora. Foi o que disse São Vicente de Lérins, no século X, mais ou menos: “A verdadeira doutrina, para ir adiante e se desenvolver, não deve ficar calada, mas fazer progresso: “ut annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur aetate”, ou seja, deve ser consolidada com o passar do tempo, ampliada, concretizada e mais sólida, mas sempre em contínuo progresso. Por isso, o dever dos teólogos é pesquisar, fazer uma reflexão teológica; não se pode aplicar a teologia diante de um "não". Depois, cabe ao Magistério dizer “não, você exagerou, reveja seu ponto de vista”. **O desenvolvimento teológico deve ser aberto, por isso existem os teólogos, e o Magistério deve ajudar a compreender os limites. A respeito dos anticoncepcionais, sei que foi feita uma publicação sobre este tema e sobre questões matrimoniais. Estes temas são tratados pelos participantes em um congresso, onde discutem e fazem propostas. Sejam sinceros: os que participaram deste congresso cumpriram o seu dever, porque tentaram dar um passo adiante na doutrina, mas em sentido eclesial, não fora da Igreja, como eu disse sobre a regra de São Vicente de Lérins. Depois, o Magistério poderá intervir e dizer “sim, é bom ou não é bom”. Assim acontece com tantas outras coisas.** Pense, por exemplo, na questão das armas atômicas: declarei, oficialmente, que o uso e a posse de armas atômicas são imorais; pense na pena de morte: hoje, podemos dizer, que estamos próximos à imoralidade, porque a consciência moral se desenvolveu bem. Para ser mais claro: quando o dogma ou a moral se desenvolvem, tudo bem, mas sempre naquela direção, segundo as três regras de São Vicente de Lerins. Parece que isto está bem claro: uma Igreja que não desenvolve seu pensamento no sentido eclesial é uma Igreja que retrocede. Eis o problema de hoje, de muitos que se dizem tradicionais. Não, não são tradicionais, são "antiquados", vão para trás, sem raízes. Sempre aconteceu assim, como no século passado. O "retrocesso" é um pecado, porque não caminha adiante com a Igreja. Ao invés, alguém disse que a tradição - acho que tratei disso em algum discurso - a tradição é “a fé viva dos mortos”; enquanto esses "retrógrados", que se dizem tradicionalistas, afirmam que a tradição é “a fé morta dos vivos”. A tradição é, exatamente, a raiz, a inspiração para progredir na Igreja, sempre de modo vertical. O "atraso" significa retroceder, permanecer fechados. É importante entender bem o papel da tradição: ela está sempre aberta; é como a seiva das raízes que faz uma árvore crescer... O compositor, Gustav Mahler, disse uma frase muito bonita: “A tradição, neste sentido, é a garantia do futuro, não uma peça de museu. Quem concebe a tradição como uma coisa fechada, é contrário à tradição cristã... a tradição é como a seiva das raízes que faz crescer sempre mais e mais”. Por isso, em relação à sua questão, é preciso pensar e

manter a fé e a moral, mas sempre como a seiva das raízes e como as três regras de São Vicente de Lerins, que mencionei.

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-07/papa-francisco-coletiva-jornalistas-a-bordo-voe-retorno-canada.html>